

RESENHA

TARALO, FERNANDO. 1990. *Tempos Lingüísticos. Itinerário Histórico da Língua Portuguesa*. S.Paulo: Ática (Série Básica Universitária), 208p.

Resenhado por: Rosa Virgínia MATTOS e SILVA
(Universidade Federal da Bahia)

Este livro de Fernando Tarallo marca, sem dúvida, um tempo novo para os estudos de história da língua portuguesa. Com o refluxo no Brasil da Linguística Histórica, de natureza filológica, nos anos 60, pelas razões conhecidas, a história do português ficou parada no tempo da Linguística com as gramáticas históricas tradicionais (Nunes, Williams, Saíd Ali, Lima Coutinho); a história de grande abrangência e segundo a tradição romanística da 1ª metade do século XX de Serafim da Silva Neto, acrescida, em boa hora, pela História e estrutura de J.Mattoso Câmara Jr., que investe em análises estruturalistas diacrônicas.

O tempo novo que nos traz Tarallo neste itinerário histórico do português se pode definir como uma aplicação abrangente - fonologia, morfologia, sintaxe - da teoria da mudança da sociolinguística laboviana. É óbvio que, não dispondo o Autor de estudos prévios na mesma linha para estágios passados do português, reveste-se a obra de um caráter exploratório que o Autor prefere nomear de "aventura". Aventura, digo eu, no melhor sentido, porque o Autor é dos mais bem equipados linguistas brasileiros, o que nos faz entrar com confiança nos túneis que vai

escavando nos 15 capítulos do livro, precedidos de uma Introdução do Autor e de um prefácio de Mary Kato. Cabe logo ressaltar que a prefaciadora nos apresenta uma breve resenha que predispõe o leitor a correr para o texto, sobretudo porque anuncia que o Autor "desempoeira" e "desembolora" a Linguística Histórica tal como antes era ensinada nos cursos de Letras.

Tarallo consegue introduzir um estilo novo tanto na apresentação didática quanto na construção do que intenciona apresentar, fugindo à tradição árida dos textos de Linguística, considerados difíceis de digerir, sem deixar de ser preciso e seguro. Pode ser que leitores reajam às suas recorrentes metáforas - túnel do tempo, bilhete para viagens, escavação ... de qualquer modo é bem provável que esse Indiana Jones intencional, linguísta de fato, tenha a boa sorte de fazer despertarem cabeças para que sejam retomados os estudos da língua portuguesa na sua história. Além da retórica selecionada, a construção do livro é levemente "dramatizada" o que, por vezes, cria um certo suspense que jogará o leitor na direção se não do fim do túnel, pelo menos do fim do livro.

Pode-se dividir o livro em dois grandes momentos: do cap. 1 ao 5, em que tematiza e problematiza (para usar seus verbos) teorias da mudança, cerne da Linguística Histórica; do cap. 6 ao 12, em que aplica, tematizando e problematizando, a teoria escolhida a aspectos da estrutura e história da língua portuguesa. No cap. 13 esboça, didaticamente, a construção de um projeto de pesquisa em Linguística Histórica,

no quadro teórico e metodológico que escolheu. No 14 apresenta uma antologia cronologicamente seriada de 24 textos. Na conclusão, cap. 15, sai-se do livro, mas não do "túnel". É este o convite do Autor. Permeiam o livro: um mapa, quatro figuras, vinte tabelas.

No cap. 1, espécie de exórdio, está presente o jogo de cena com efeito didático certamente produtivo. Parte de uma carta impressa em jornal brasileiro de 1850 e nela destaca a colocação dos clíticos pronominais; em seguida volta no tempo e apresenta uma carta manuscrita de 1725, publicada em edição diplomática, para nela demonstrar a extensão dos fenômenos de cliticização. As duas cartas do passado ilustram a afirmativa: "ao enfrentarmos documentos em língua portuguesa de outros tempos anteriores ao nosso, certas formas parecerão estranhas, embora inteligíveis, ou irreconhecíveis" (p.19). O texto de 1850 se enquadra na primeira qualificação e o de 1725, na segunda, já que as cliticizações nele atingem não só pronomes, mas artigos, possessivos, preposições, conjunções.

No primeiro dos exercícios propostos a este capítulo (p.26-27) apresenta outra carta, escrita entre 1768-1769, utilizada na sua forma editada no séc. XX. Esta, próxima no tempo à de 1725, por não estar na forma manuscrita, não se apresenta semelhante à de 1725. Sobre ela, o Autor pede que se observem os clíticos. Ora, para um iniciante (a Série Básica pressupõe isso!) que não saiba da existência dos possíveis tipos de edição de textos, este ficará, pelo menos, perplexo, ao notar que o documento de

1768-1769 está mais próximo do de 1850 e não do de 1725. Valeria, portanto, ter deixado claro que as diferenças focadas nas três cartas, em parte, decorrem de fatos meramente gráficos: as normas para a escrita em jornal impresso de 1850 não eram as mesmas de um manuscrito de 1725, enquanto a edição contemporânea da carta de 1768 passou pela clivagem de um editor, sem intenção filológico-lingüística.

Na segunda parte deste capítulo, transfere-se da aventura lingüística pelo português para a aventura metalingüística ao fornecer os textos A e B (p. 23 a 26), sem identificá-los. Servem eles - respectivamente um segmento do Curso saussureano e outro do *Empirical foundations for a theory of language change* de Weinreich, Labov, Herzog (só plenamente identificados no cap. 4) - para a problemática de duas abordagens teóricas antagônicas da mudança lingüística, com o objetivo de demonstrar ao leitor as vantagens da linha do texto B.

Antes, no entanto, de apresentar a síntese circunstanciada, com base em textos clássicos da teoria adotada (LABOV, 1968, 1972, 1975, 1981, 1982), que ocupa os cap. 4 e 5, repassa nos cap. 2 e 3 por outras aventuras metalingüísticas e lingüísticas da Lingüística Histórica. Resume aí três teorias concorrentes do século XIX - o comparativismo, a teoria das ondas e a da reconstrução interna. Posiciona-se o Autor ao concluir (p.40) pela conjugação dos três modelos que levariam a um quarto, em que a reconstrução comparativa de várias línguas de uma mesma família seja enriquecida pela reconstrução interna de cada uma, sem deixar

de levar em conta o fenômeno do contacto lingüístico, ponto forte da teoria das ondas que pôs em cheque afirmativas do comparativismo.

No cap. 3 se detém no princípio da regularidade das mudanças fônicas que, associado ao da analogia, são as bússolas dos neogramáticos da 2a metade do século XIX. Retoma o tema no cap. 5 para apresentar como Labov, no seu clássico de 1981 (*Resolving the neogrammarian controversy*) concilia o impasse criado por Wang, em 1969, ao propor sua teoria da difusão lexical da mudança fônica que inverte o princípio neogramático, segundo o qual as mudanças fônicas são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas.

O núcleo central da teoria sociolingüística da mudança está no cap. 4. Expõe os cinco problemas ou focos para observação e interpretação (p.59) das mudanças no tempo aparente e no tempo real ("constraint", "embedding", "evaluation", "transition", "actuation") e os sete princípios norteadores da teoria. Discute ainda o princípio da uniformidade, que integra os estudos dos fatos do presente aos do passado e vice-versa e o princípio teórico básico da heterogeneidade sistemática, que põe abaixo a concepção estruturalista da língua como sistema estático e homogêneo.

A síntese problematizada nesses 4 capítulos é excelente e oportuna; cumpre um dos objetivos do Autor: fazer Lingüística a par de fazer Lingüística Portuguesa.

Ao empreender seu itinerário pela história do português (cap. 6 a 12), Tarallo trabalha com a teoria e o método labovianos,

mas deles sobretudo se serve do princípio da uniformidade, já que joga todo o tempo do passado para o presente e deste para aquele; do problema do encaixamento ("embedding") na estrutura lingüística e do princípio da heterogeneidade sistemática, razão do permanente dinamismo das línguas, integrado nas possibilidades do sistema, entendido como, necessariamente, variável, portanto heterogêneo.

Afirmando que pode entrar "no túnel em qualquer ponto e em qualquer momento" (p.91), parte, no cap. 6, da questão língua portuguesa/língua brasileira e, em todo o percurso contraporá o português brasileiro contemporâneo às suas origens no latim falado, estacionando, por vezes, no período arcaico (sécs. XIII ao XV). Utiliza sempre dados das gramáticas históricas, principalmente a de Lima Coutinho, da História e estrutura de Mattoso Câmara Jr. e de estudos variacionistas da Sociolingüística, principalmente, mas não apenas, referentes ao português brasileiro contemporâneo.

Nos cap. 7 e 8, em que trata da fonologia histórica, observa-se o esforço que faz para, com os dados de que dispõe, aplicar a orientação teórica selecionada. É nas p.103 e 113-114 que aplica o conceito do encaixamento das mudanças e o seu dinamismo, fugindo à descrição das gramáticas históricas, destacando, como fundamental, que mudanças no sistema vocálico latino clássico para o falado e daí para as línguas românicas, nomeadamente, a perda da distinção de quantidade, se refletirão nas reestruturações morfológicas e sintáticas do

latim para o português, como das outras línguas românicas. No que concerne ao sistema consonântico, ressalta as mudanças encadeadas, encaixadas, que reestruturam o sistema latino em relação ao do português, fatos, aliás, bem descritos por Mattoso Câmara, na perspectiva do estruturalismo diacrônico.

Faço um reparo ao documento identificado na nota 19 (p.105) - o Auto de partilhas - que, desde a década de 60 foi demonstrado pelo historiador e paleógrafo Avelino de Jesus da Costa não ser de 1192, mas sim dos fins do séc. XIII ou começos do XIV (cf. Os mais antigos documentos escritos em português. Coimbra, 1979. p.269-274. Sep. da R.Portuguesa de História, XVII). A leitura utilizada deste documento (p.104) é hoje superada por outras, entre elas a do autor referido.

Parece-me extremamente proveitosa e como validação do "bilhete" comprado, a apresentação (cap. 9 a 12) dos fatos fônicos, mórficos e sintáticos, interseccionados no processo de simplificação da flexão nominal latina. A utilização de dados do presente no português brasileiro e no espanhol portorriquenho quanto à perda do -s de plural, que envolve fatores fônicos e mórficos, mostra que a observação do presente favoreceu a hipótese do condicionamento fônico, como móvel inicial, mas não único, da simplificação ou perdas da flexão nominal do latim para o português. Nesse caso o Autor investe no fator fônico (perda da quantidade identificando nominativo/ ablativo/ acusativo dos nomes da 1ª declinação) e não ressalta o fator mórfico, ou sejam a configuração do

sistema de flexão latina, estruturalmente ambígua (= desinências idênticas), ponto para o qual chama a atenção à p.122.

Parece-me inadequado dizer, repetindo Lima Coutinho, que o português arcaico "era caracterizado por uma profunda redução do gênero" (p.121). Talvez mais exato fosse dizer que, redistribuídos os nomes neutros pelas classes do masculino e do feminino no período românico, o português arcaico já apresentava as mesmas possibilidades, quanto à morfologia e taxonomia do gênero, do contemporâneo, com algumas diferenças no inventário dos itens lexicais classificáveis nos dois gêneros remanescentes.

A discussão inter-relacionada das perdas flexionais e dos ganhos, com a expansão do uso das preposições como marcadoras dos casos sintáticos (cap. 10), interpretados como mudanças encaixadas no sistema é, certamente, a mais detalhada e clara no âmbito dos estudos da história do português (p.133-137).

Perguntaria, entretanto, se não poderiam ser interpretados como "ganhos" também encaixados e não-não encaixados, como defende o Autor, o uso, no latim falado, dos pronomes sujeitos e do artigo definido, sobre que discute neste capítulo. O Autor demonstra (p.141-142) que no português contemporâneo brasileiro o uso do pronome sujeito está correlacionado à simplificação flexional do verbo; é, portanto, hoje uma mudança encaixada. Não teria sido assim também no latim vulgar, quando as marcas flexionais do latim padrão estavam já sendo enfraquecidas, como aliás menciona o Autor à p. 139?

Quanto à implementação do artigo definido, como determinador do nome do latim vulgar para as línguas românicas, também não seria uma mudança encaixada? Note-se que são contemporâneos - latim falado no Império Romano e período romance - o processo de simplificação da morfologia nominal latina e a implementação do uso do artigo. Para além de determinador e de dêitico, o artigo se torna o marcador privilegiado do gênero e do número dos nomes; esse fato parece estar correlacionado - encaixado - ao processo de simplificação da morfologia latina padrão, quando o gênero e o número são fundamentalmente estabelecidos pela concordância com os adjetivos, sobretudo, os da 1ª classe da gramática latina. A mudança simplificadora dessa morfologia favoreceria a fixação de um elemento especializado para marcar com precisão o gênero e o número. Fica a hipótese para investigação.

Nos cap. 11 e 12 investe em um campo quase virgem, o da sintaxe histórica do português, se comparado com o que se dispõe para a fonologia e morfologia. Aceitando, no cap. 11, a tradicional dicotomia entre sintaxe sintética/analítica, como, respectivamente, a do latim e a do português, encaixa o caráter analítico do português no contexto da reorganização fonético-fonológica e da simplificação morfológica que provocaram uma nova sintaxe, em que as funções transparecem na ordem das palavras, na regência preposicional e nos fenômenos de concordância. O tratamento que apresenta desses três mecanismos sintáticos inter-relacionados nas variações do português contemporâneo é muito informativo e

precedente.

A contradição que encontra em Lima Coutinho (p.147) quanto ao afirmar que o latim vulgar utiliza com frequência a ordem direta e que no português arcaico predomina a inversa, acredito que possa ser entendida, considerando que a relação que Coutinho apresenta no primeiro caso é entre o latim vulgar e o padrão e, no segundo, entre o português arcaico e o atual. Nesse sentido, acho que Coutinho está correto. Para prová-lo contudo, serão necessários estudos sistemáticos sobre a ordem na documentação do latim vulgar e do português arcaico.

O cap. 12 - Conectando sentenças - se concentra na análise da hipotaxe. Nele segue, explicitamente, uma descrição do tipo gerativo, opção em que ainda não embarcara no seu itinerário. O capítulo encerra formulações novas sobre a hipotaxe do latim ao português e pode ser resumido com as palavras do Autor: "O sistema português, assim, no que toca aos processos hipotáticos de conexão sentencial passou por um estágio de afunilamento (no sentido de que ter assumido basicamente todos os mecanismos hipotáticos existentes no latim) e de ampliação (com o florescimento das locuções conjuncionais)" (p.165). O afunilamento continua no português brasileiro falado, com a generalização da forma que nas estruturas relativas (p. 168).

A "seqüência temporal de textos" (p.185) do cap. 14 se abre com um diálogo transcrito do português falado no Brasil, voltando-se, em seguida, às origens do "túnel", para percorrê-lo através de textos de 1316 a 1937. Teria algumas observações a

tecer sobre a diversidade estilística dos textos - pode ter sido intencional - e sobre a qualidade das edições utilizadas para um trabalho lingüístico. Caberia um texto escrito em português brasileiro contemporâneo, como intermediador entre o diálogo oral e a seqüência secular dos textos escritos. Não posso deixar de anotar que o texto datado de 1316, certamente é de 38 anos antes - 1278, já que até 1442, normalmente, os documentos portugueses seguem a Era de César ou Era Hispânica que diferenciava da era de Cristo em 38 anos para mais. Assim a seqüência textual apresentada se inicia no século XIII e não no XIV.

Alguns dos exercícios, isto é, dos "Pensando no (e além do) capítulo" me parecem muito para além do que se supõe sejam os destinatários primeiros deste livro. Cf., p.ex.: Ponto 1 e 2 do ex. 1(p.52-53); ex. 1 (p.64-65); ex. 3 (p.156-157). O ex. 4 (p.104) e o 2 (p.115) para serem abordados exigem, pelo menos, algum embasamento prévio sobre as grafias então utilizadas. Não vale desanimar um neo-aventureiro neste túnel longo e complexo!

Resta sugerir que, em re-edição, sejam recolhidas, em um bibliografia final, as numerosas indicações bibliográficas que permeiam o livro.

Não é demais frisar que Fernando Tarallo cumpriu o seu Itinerário, não só com mestria, mas com o entusiasmo próprio ao guia que quer passar a outros as emoções descobertas. Certamente consegue!